

Fernando Padrão de Figueiredo
Mestrando - PPGF – UFRJ/ Bolsista do CNPq

Resumo: O objetivo deste trabalho é estudar a vida como objeto das práticas de liberdade na última fase de Michel Foucault (1978-1984). Práticas que tem a vida e tudo que a envolve como problematização, por exemplo, o prazer e a amizade. E a liberdade que possibilita modos de vida diferentes, diferenciados, seja individual ou coletivamente. A arte de viver e os modos de vida foram e são o caminho trilhado por Foucault para se perguntar sobre o conceito de estética da existência. São conceitos que põem em dúvida aquilo mesmo que nós somos hoje, ou o que gostaríamos de ser agora.

Palavras-chave: arte de viver; modo de vida; estética da existência; ética, sexualidade.

Abstract: The objective of this work is to study the life as object of practice of liberty in the Foucault's last phase (1978-1984). Practices that have a life and everything that surrounds it as problematizations, for example, the pleasure and the friendship. Liberty that makes possible different and differentiate ways of living (or lifestyles), either individually or collectively. The art of living and the ways of living were and are the foucaultian path to ask about the concept of aesthetics of existence. They are concepts that place in doubt who are we today, or what we would like to be now.

Key words: art of life; way of living; aesthetics of existence; ethics; sexuality.

O presente texto tem a intenção de aprofundar, de traçar a história de um certo conceito, fabricado por Michel Foucault na sua dita última fase (1978-1984). Este conceito tem um nome preciso: estética da existência, que está sob o signo maior de uma problemática filosófica, tratando diretamente da ética e de suas dobras, como, por exemplo, a subjetividade/verdade e resistência/liberdade. “Trata-se”, nos diz Foucault a respeito,

De saber como governar sua própria vida para a dar a forma mais bela possível (aos olhos dos outros, de si mesmo e das gerações futuras para aqueles que poderá servir de exemplo). Eis isto que ensaio de reconstituir: a formação e o desenvolvimento de uma prática de si que tem por objetivo constituir si mesmo como um artífice [*ouvrier*] da beleza de sua própria vida. (FOUCAULT, *Le souci de la vérité*, p. 1491)

Este conceito não é tão simples de se resolver, quando se pretende fugir da temática greco-latina antiga, presente nos dois últimos tomos da *História da Sexualidade: o Uso dos prazeres e o Cuidado de si*. O conceito de estética da existência fica cada vez mais difícil quando se quer delimitá-lo a uma definição precisa, para utilizá-lo e fazê-lo funcionar em sua obra. Mas Foucault, em algumas passagens de seus *Ditos e Escritos*, em algumas entrevistas, em alguns artigos, em alguns seminários e cursos, deixa entrever aquilo que é e a qual problemática se liga a estética da existência para o nosso hoje, para o nós que advém com o nosso presente. E é através dessas “sugestões”, desses ditos imprecisos, desses “rastros” que se tentará montar uma espécie de quebra cabeças de diferentes imagens. Um quebra cabeça que não sirva para se orientar no pensamento, mas antes, se possível, montar diversas máscaras que o pensamento pode se travestir.

A estética da existência não é um conceito estático, definitivo, que Foucault teria descoberto nos fundos da história da filosofia com Sócrates e seus discípulos, assim levando a aparecer hoje, reatualizando-a para uma problemática que se colocaria a nós. Desta maneira, a ética que se pretender discutir não pode ser uma resposta “grega” aos nossos dias. Ao contrário, ela surge de uma urgência, de uma vontade política que não deseja ser mais obediente aos códigos constrangedores que regulariam a vida em todos os seus detalhes; urgência de um pensamento não dogmático, que não impõe mais certezas universais e constantes antropológicas. Enfim, surge esta tarefa de se pensar a ética como estratégia, jogando com as liberdades possíveis em um determinado campo, para dar outra forma, sentido e valor aos atos, atitudes e comportamentos de nossa vida. A estética da existência nasce dessa insurgência, dessa liberdade que precisa ser trabalhada na impaciência, na *crítica* histórica e permanente àquilo que nos constitui e somos hoje. “É preciso compreender bem quem somos nós”, e assim sair desse silêncio que se conjuga com certos constrangimentos, com certas relações de poder dominadoras, as pretensas tecnologias de controle.³²³

A estética da existência tem a sua própria filiação, o seu nascimento incerto de múltiplos pais, os seus desdobramentos provisórios no pensamento do “último” Michel Foucault, por exemplo, Burckhardt, Nietzsche e Stephen Greenblatt. Traçando a sua história, a estética da existência é um princípio que regularia práticas, técnicas e artes que visam à fabricação de subjetividades não mais assujeitadas e assujeitadoras. Práticas

³²³ FOUCAULT, *Inquirição sobre as prisões: quebrems a barreira do silêncio*, p. 6.

de si ou de liberdade, dirá Foucault. Práticas que têm a própria vida como objeto, que remete ao trabalho que um indivíduo faz para se tornar um sujeito ético. Isto é, dar uma forma e não uma regra. Ética que o último Foucault pensou como estética da existência, isto é, “[...] o problema de uma ética, como forma a dar a sua conduta e a sua vida, é novamente posta.”³²⁴ E estética que é transformação de si, possibilitado por um retorno ao si, à vida, à existência, como lugar de elaboração, matéria plástica de criação e invenção. Assim, entende a experiência estética como “[...] uma forma de estetismo – e por isto”, diz Foucault, “eu entendo a transformação de si.”³²⁵ Enfim, para jogar então esta vida contra o sistema que tenta controlá-la, distribuí-la, ordená-la em uma série de interesses, docilidades, utilidades, seguranças sociais, políticas, econômicas e culturais. Consolos gerais de uma boa vida confortável.

Constituir, estilizar a si mesmo, dar a forma mais bela à vida. Talvez caiba apontar o último capítulo da *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, de 1976, quando surge a vida como objeto real de luta política, e já abrindo para a sua fase final, a fase ético-política. Desta maneira, Foucault pôde dizer nesta obra:

O que é reivindicado e serve de objetivo é a vida, entendida como as necessidades fundamentais, a essência concreta do homem, a realização de suas virtualidades, a plenitude do possível. [...] a vida como objeto político foi de algum modo tomada ao pé da letra e voltada contra o sistema que tentava controlá-la. Foi a vida, muito mais que o direito, que se tornou o objeto das lutas políticas, ainda que estas últimas se formulem através de afirmações de direito. (FOUCAULT, *História da sexualidade I: a vontade de saber*, p.136)

A vida enredada em dois campos de análise diferentes. Não só aquela visada pelas tecnologias de poder, que, antes de mais nada, querem regular, distribuir, normalizar os indivíduos e as populações dentro de um quadro do *bem estar* social. Mas, Foucault também apresenta a vida como a realidade mais imediata, aquilo mesmo que afeta e constitui os sujeitos em uma série infinita de possíveis subjetivações. A vida sendo possibilidade de enfrentamento, objeto primeiro das práticas de liberdade. Na entrevista “Uma estética da existência”, Foucault esquematiza para nós estas duas redes opostas, organizada por princípios heterogêneos, e assim nos diz:

³²⁴ FOUCAULT, *Le souci de la vérité*, p. 1493.

³²⁵ FOUCAULT, *Une interview de Michel Foucault par Stephen Riggins*, p. 1354-5.

Penso, pelo contrário, que o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural. (FOUCAULT, *Une esthétique de l'existence*, p. 1552)

Assim, surge a vida como questão, como objeto de uma arte, de uma prática, de uma estética, possibilitando modos de vida *diferentes*, coletivos ou individuais. A vida como uma preocupação, como objeto de escolhas ético-políticas, e não um modelo qualquer de esteticismo. Arte, isto é, uma técnica que visa um determinado fim, um determinado efeito, uma transformação das relações mais imediatas que constituem a vida, a existência, o si dos sujeitos, enquanto sujeitos de determinada conduta, de determinada ação. A estética da existência é, antes de tudo, o início de uma problematização, que põe em dúvida aquilo mesmo que nós somos hoje, ou o que gostaríamos de ser. Perguntando-se, através das técnicas que nos constituem, o custo de realizar aquilo que nos tornamos e também o que nos impede de ser hoje.

Delineando a sua história, Roberto Machado, no seu livro *Foucault, a ciência e o saber*, apontar a conferência dada por Foucault em 1981, cuja primeira versão é de 1980, que tem por título “Sexualidade e Solidão”, como um dos primeiros aparecimentos da estética da existência, desse retorno ao eu, ao si, dessa relação consigo mesmo. Neste texto, vemos que ela se encarna naquilo que vinha sendo já a sua pesquisa, isto é, a sexualidade, ou de um modo geral, a genealogia do homem de desejo.³²⁶ Uma análise através das técnicas, das artes e das práticas que têm por objeto a vida, a existência dos indivíduos nas suas relações móveis e cotidianas com os outros. Temas como a morte, a amizade, o prazer, o desejo, a afetividade, o amor, etc., tudo aquilo que se problematiza nas existências possíveis desse homem de desejo, que se pretende traçar a sua genealogia; traçar, desenhar seus “rastros” históricos e singulares. Genealogia do

³²⁶ Roberto Machado assim diz sobre esta pesquisa: “Pois, percebendo que a genealogia do homem de desejo – objetivo principal de sua pesquisa sobre a sexualidade desde o primeiro projeto -, que pretende investigar ‘de que maneira os indivíduos foram levados a exercer, sobre si próprios e sobre os outros, uma hermenêutica do desejo’, só poderá ser realizada em contraponto com o cristianismo primitivo, o estoicismo tardio e o pensamento grego clássico, Foucault encontrará o tema que orientará sua História da sexualidade a partir de então: os modos de relação consigo.” (MACHADO, *Foucault, a ciência e o saber*, p.181)

homem do desejo, ou, antes ainda, genealogia do sujeito moderno. Desta forma, diz Foucault na conferência “Sexualidade e solidão”:

Eu experimentei sair da filosofia do sujeito fazendo a genealogia do sujeito moderno, que eu abordo como uma realidade histórica e cultural; isto é, como qualquer coisa suscetível de se transformar, que, bem entendido, é importante do ponto de vista político. (FOUCAULT, *Sexualité et solitude*, p. 989)

Este texto, para Machado, seria então um dos primeiros textos que vinculariam sexualidade, subjetividade e verdade. Foucault define precisamente aí aquilo que vinha já problematizando, embora sem os significantes que a nomeariam de estética da existência, mas de técnicas de si, técnicas de liberdade. Eis o que diz de um modo geral:

[...] existe em todas as sociedades um outro tipo de técnicas: aquelas que permitem aos indivíduos efetuar, por si mesmos, um certo número de operações sobre o seu corpo, sua alma, seus pensamentos, suas condutas, e de maneira a produzir em si próprios uma transformação, uma modificação, e atingir um certo estado de perfeição, de felicidade, de pureza, de poder sobrenatural. (FOUCAULT, *Sexualité et solitude*, p. 990)

Fugindo da questão específica do que seriam estas técnicas, e entrando, portanto, na questão da sexualidade, das escolhas sexuais, das estratégias possíveis frente os dispositivos de sexualidade que constituiriam, elaborariam as subjetividades ao redor de um verdadeiro sujeito sexual, portanto identificando a multiplicidade da vida, dos prazeres a uma única sexualidade assumida por ser verdadeiramente a real. Desta maneira, apresenta uma sexualidade fora das tragédias de Sófocles, permitindo desvencilhá-la da importância de ser prudente em respeito a ela.

A sexualidade faz parte de nossas condutas. Ela faz parte da liberdade no qual nós gozamos o mundo. A sexualidade é qualquer coisa que nós criamos nós mesmos – ela é nossa própria criação, bem mais que uma descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que com nossos desejos, através deles, se instauram novas formas de relação, novas formas de amor e de novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; é uma possibilidade de aceder a uma vida criativa. (FOUCAULT, *Enfermement, psychiatrie, prison*, p. 358)

Vemos em algumas entrevistas de Foucault, dadas aos jornais e revistas de temática *gay*, nessa mesma época, no início dos anos 1980, surgir, transformar, e se elaborar a estética da existência sob outro enfoque.

Um enfoque mais atual, presente nas urgências que as escolhas sexuais colocam, problematizam, questionam naquilo que somos, ou somos constrangidos a ser, naquilo que custa, talvez muito caro, ser hoje. Insurgências como aquelas que Foucault se deparou nas comunidades *gays* e *lésbicas* de Nova York à São Francisco. John Rajchman se pergunta o que haveria entusiasmado Foucault em relações a esses novos modos de ser, ou como diz Foucault, nesses laboratórios de experimentação sexual de São Francisco e Nova York. Para Rajchman, no seu livro *Eros e verdade: Lacan, Foucault e a questão da ética*, era a possibilidade de novos relacionamentos, sexuais ou afetivos, ou novos territórios de afetividade, que não estavam ou não passavam sob a influência da psicanálise lacaniana.

A estética da existência é o desdobramento de duas noções: a de modos de vida (ou modos de vida *gay*, modos de vida ‘artista’) e de arte de viver. Noções que aparecem em entrevistas como “De l’amitié comme mode de vie”; “Le triomphe social du plaisir sexuel: une conversion avec Michel Foucault”; “Choix sexuel, acte sexuel”; “Michel Foucault, une interview: sexe, pouvoir et la politique de l’identité”. A arte de viver e modos de vida são dois conceitos que servem de enfrentamento a tipos de vidas reguladas por tecnologias científicas, pseudo-científicas, como as da “função *psi*”, seja ela psicológica ou psicanalítica, seja freudiana ou lacaniana. Pode ser colocar também a preocupação de Foucault a respeito dos modos de vida, *gay* ou não, ligada a uma “política da amizade” e a uma intensificação dos prazeres (ou uma “dessexualização” do prazer).

A problematização de uma estética da existência, prolongada na idéia de uma arte de viver (como a possibilidade de se pensar, elaborar, ou criar modos de vida através de práticas de liberdade, ou, antes, questionar as próprias práticas, ditas, assujeitadoras), implica em uma pesquisa inacabada do pensamento de Foucault, a Ontologia do presente. Pois é referente as preocupações colocadas a nossa modernidade, a nossa constituição hoje, ao limite daquilo que somos, ou seja, ao Iluminismo: “[...] o princípio de uma crítica e de uma criação permanente de nós mesmos em nossa autonomia; ou seja, um princípio que está no cerne da consciência histórica que a *Aufklärung* tinha tido dela mesma.”³²⁷ Observa-se bem a idéia de uma criação permanente de nós mesmos como a possibilidade de um retorno a nossa vida, entendida como criar, cuidar, usar a nossa própria existência (e as relações que contém, por exemplo, a amizade, os relacionamento

³²⁷ FOUCAULT, *Qu’est-ce que les Lumières?*, p. 1392.

amorosos, o prazer, etc.) contra as tecnologias políticas de poder. Estas seriam relações de poder que impossibilitam qualquer relação simétrica com os outros, ou que impendem qualquer mobilidade. Relações simétricas, para além de uma democracia, seriam a possibilidade de novas comunidades, de novas intensidades, de novos modos de vida, novas relações, ou nas próprias artes em geral.

A noção de modos de vida é o contrário de uma vida regulada, sufocada por mecanismos de controle, de assujeitamento excessivo. Indivíduos que são produzidos para amar a obediência, mas que no limite de suas vidas se mostram como subjetividades capturadas por paixões tristes, subjetividades arrasadas, ou como nós diz Gregório Kazi, que se inserem “em tal lógica de reprodução de subjetividades estouradas, subjetividades pulverizadas em nome da ‘harmonia social’.”³²⁸ São sujeitos hermeneuticamente trabalhados através de seu sexo, de sua sexualidade, daquelas formulações que pretendem esconder aquilo mesmo que trazem em suas relações pessoais e consigo mesmas. O que sou eu? Qual é o segredo do meu desejo? Qual a verdade de minha sexualidade? Enfim, perguntas que escondem e, ao mesmo tempo, trazem à tona um modelo normativo de ser, uma regra ou uma lei geral, pacificadora, em categorias consoladoras que definem um lugar apropriado para cada caso particular. Então marca Foucault: “Fazer escapar o prazer da relação sexual ao campo normativo da sexualidade e as suas categorias, fazer mesmo do prazer o ponto de cristalização de uma nova cultura – isto, eu creio, uma aproximação interessante.”³²⁹ Pois para Foucault existiriam diversas relações possíveis fora daquelas relações habituais, dessas heterossexualidades compulsórias. Sempre são modos de ser, regras empobrecedoras, conservadoras, demasiado moralistas, que visam prescrever a melhor conduta, a melhor regra para todos, o tipo ideal de conduta a esta regra.

Foucault vai opor a este modo de operar compulsório, um outro modo, que buscaria novos modos de ser, novas experimentações, uma reinvenção de si, a partir de escolhas sexuais e não atos sexuais. O que incomoda as pessoas de um modo geral não é o ato sexual e seus desdobramentos ditos “perversos”, “pervertidos”, mas novas relações que

³²⁸ KAZI, *Lucha antimanicomial: práxis insurgentes, las multiplicidades libertarias*, p. 13.

³²⁹ FOUCAULT, *Le triomphe social du plaisir sexuel: une conversion avec Michel Foucault*, p. 1131.

possam advir de certas escolhas sexuais, novos territórios de afeto. O que se visa, antes mesmo de uma transgressão (no estilo de Sade, George Bataille, Pierre Klossowski, etc), é um ultrapassamento (*franchissement*), no sentido de se passar para um outro estado qualquer, produzir novidades, diferenças. Guilherme Castelo Branco, sobre o termo ‘ultrapassamento’ a despeito de transgressão no último Foucault, esclarece:

Além de não possuir as denotações psicológicas e psicanalíticas totalmente estranhas às operações da ontologia crítica de nós mesmos, trata-se, no processo de liberação, de abrir caminhos para a inovação de novas práticas de pensamento, de práticas éticas novas e de práticas políticas inovadoras. (CASTELO BRANCO, *Foucault*, p. 292)

Na entrevista “De l’amitié comme mode de vie”, dada em 1981, Foucault chama atenção para a sexualidade que se experimenta hoje e a abre para uma outra possibilidade, centrada na noção de modos de vida, e assim propõe:

Esta noção de modo de vida me parece importante. É que ela não iria introduzir uma outra diversificação que aquela devida as classes sociais, as diferenças de profissão, aos níveis culturais, uma diversificação que seria também uma forma de relação, e que seria o ‘modo de vida’? Um modo de vida pode-se partilhar entre os indivíduos de idade, de estatuto, de atividade social diferentes. Pode-se dar lugar a relações intensas que não assemelhariam a nenhuma daquelas que são institucionalizadas e que me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura, e a uma ética. (FOUCAULT, *De l’amitié comme mode de vie*, p. 984)

Assim, através de alguns autores como Nietzsche, Baudelaire, Oscar Wilde, Andre Gide, Jean Genet, problematizará novas formas de experimentação de si no campo das artes, do pensamento, da vida, e da política. Na entrevista “Conversações com Werner Schroeter”, colocará com ímpeto e um lugar de destaque a arte de viver. Arte ou técnica que daria a vida, não a sua razão, seu sentido, ou a sua verdade mais essencial; ao contrário, mostra que fora deste buraco sem fundo, há múltiplas, variadas e diferentes formas e relações possíveis entre os indivíduos. E assim coloca:

O problema é criar justamente qualquer coisa que se passa entre as idéias e o qual é necessário fazer algo que seja impossível dar um nome, e, portanto, a cada instante experimentar dar a ela uma coloração, uma forma e uma intensidade que não diga jamais isto que ela é. Isto é a arte de viver. A arte de viver é matar a psicologia, criar consigo mesmo e com os outros individualidades, seres, relações, qualidades que sejam inominadas. Se não se puder chegar a fazer isso na sua vida, ela não merece

Arte de viver, modos de vida e estética da existência em Michel Foucault

ser vivida. Eu não faço diferença entre as pessoas que fazem da sua existência uma obra de arte e aquelas que fazem uma obra na sua existência. Uma existência pode ser uma obra perfeita e sublime, e isto os Gregos sabiam, então que nós a tínhamos completamente esquecida, sobretudo depois da Renascença. (FOUCAULT, *Conversation avec Werner Schroeter*, p. 1071)

Reverter as tecnologias políticas de poder talvez seja uma questão mais necessária, mais premente, a mais urgente, e não uma questão de transgressão. Transformar, ultrapassar, deslocar as tecnologias de “dominação” em técnicas de liberdade (muito mais que transgredir, agredir), ou no mínimo “escolher” qual dominação “queremos”, tendo por efeito uma mudança provisória. Em vez de uma, uma outra. Atitude muito mais crítica, do que “revolucionária”. Talvez esta seja uma questão vital, saber qual relação de poder devemos pactuar, quais são aqueles que ainda dependemos para sobreviver, qual é aquela mais perigosa. Esta é uma questão estratégica e de criação de si mesmo. Obedeça, mais pense, disse Kant no opúsculo “Resposta a uma questão: que é o Esclarecimento”, de 1784 . Palavra de ordem que é um duplo de uma outra: “*Sapere aude!* Tem a coragem de te servires do teu próprio entendimento!” (KANT, *Resposta a uma questão: que é o Esclarecimento*, p.11). Ou seja, de servires de si mesmo como resistência.

Opor as estas tecnologias barulhentas que tentam se entranhar nos mínimos detalhes do nosso cotidiano a silenciosa liberdade. Liberdade que tantos querem ver e propor. A liberdade é a questão mais difícil, mais delicada; uma questão de fino trato. Questão que depende de criação, invenção, intensidade, experimentações constantes e permanentes. E não paralisá-las em um futuro qualquer. A arte de viver ou a estética da existência é um bom princípio para se organizar estratégias, técnicas ou práticas, para colocar a própria vida, a possibilidade de diferentes ou outros possíveis modos de vida.

Referências bibliográficas

CASTELO BRANCO, Guilherme. “Foucault”. In: PECORARO, R. (org.). *Os filósofos: clássicos da filosofia: v.III: de Ortega y Gasset a Vattimo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p. 280-304.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

_____. “Le souci de la vérité”. In : *Dits et Écrits II, 1976-1988*. France: Quarto Gallimard, 2005, p. 1487-1498.

_____. “Une interview de Michel Foucault par Stephen Riggins”. In : *Dits et Écrits II, 1976-1988*. France: Quarto Gallimard, 2005, 1344-1357.

_____. “Une esthétique de l’existence”. In : *Dits et Écrits II, 1976-1988*. France: Quarto Gallimard, 2005, p.1549-1554

_____. “Sexualité et solitude”. In : *Dits et Écrits II, 1976-1988*. France: Quarto Gallimard, 2005, p. 987-997.

_____. “Enfermement, psychiatrie, prison”. In : *Dits et Écrits II, 1976-1988*. France: Quarto Gallimard, 2005, p. 332-361.

_____. “Qu’est-ce que les Lumières?”. In : *Dits et Écrits II, 1976-1988*. France: Quarto Gallimard, 2005, p. 1381-1397.

_____. “Conversation avec Werner Schroeter”. In : *Dits et Écrits II, 1976-1988*. France: Quarto Gallimard, 2005, p. 1070-1080.

_____. “Le triomphe social du plaisir sexuel: une conversion avec Michel Foucault”. In : *Dits et Écrits II, 1976-1988*. France: Quarto Gallimard, 2005, p.1127-1134.

_____. “De l’amitié comme mode de vie”. In : *Dits et Écrits II, 1976-1988*. France: Quarto Gallimard, 2005, p. 982-987.

_____. “Inquirição sobre as prisões: quebremos a barreira do silencio”. In: *Estratégia, poder-saber*. MOTTA, Manoel Barros. Trad. de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 6-12.

KANT, Immanuel. “Resposta à pergunta: que é o Iluminismo?”. In: *A paz perpétua e outros opúsculos*. Trad. de Artur Morão Lisboa: Edições 70, 2004, p. 11-19.

KAZI, Gregorio. “Lucha antimanicomial: práxis insurgentes, lãs multiplicidades libertarias”. In: KAZI, G.; AJEREZ, M. (Coord). *Salud mental: experiencias y prácticas*. Buenos Aires: Ediciones Madres de Plaza de Mayo, 2008, p. 11-31.

MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

RAJCHMAN, John. *Eros e verdade: Lacan, Foucault e a questão da ética*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.